

António Domingues de Sousa Costa, OFM
Canonista e Investigador (1926-2002)



Aspectos da sua biobibliografia

por

Frei António de Sousa Araújo

António Domingues de Sousa Costa, OFM
Canonista e Investigador (1926-2002)



Aspectos da sua biobibliografia

por

Frei António de Sousa Araújo

Com a publicação desta Biobibliografia, cedida graciosamente pelo Frei António de Sousa Araújo e por ele proferida na Academia Portuguesa de História, no dia 19 de Janeiro de 2005, a Comunidade Paroquial de Grijó, presta homenagem a um dos seus membros mais ilustres, na passagem da data do seu aniversário natalício.

O nosso querido e inesquecível Doutor António Domingues de Sousa Costa foi, de facto, o maior investigador português do Arquivo Vaticano, um grande benemérito da cultura portuguesa, que nunca mais será esquecido nos seus anais. Reconhecemo-lo, sobretudo, como um homem de Fé, mestre e servidor humilde da Igreja que amou até ao fim da sua vida. Por isso, não poderíamos deixar passar esta oportunidade para manifestar, desta forma, o nosso reconhecimento e gratidão a quem tanto nos honrou com a sua amizade, disponibilidade e o seu trabalho incansável.

Grijó, 10 de Fevereiro de 2005
P. António Coelho de Oliveira

Introdução

Dissertar sobre uma pessoa com o perfil do P. António Domingues de Sousa Costa não se afigura nada fácil, tantas são as possibilidades de abordagem da sua rica e privilegiada personalidade.

Era dotado de capacidades imensas enroupadas numa modéstia e simplicidade fascinante. Baste a propósito enunciar alguns epítetos com que o classificavam:

Padre franciscano. Canonista. Investigador. Professor Universitário. Vice-Reitor. Decano. Historiador. Editor. Académico. Consultor. Juiz, entre outros.

Para aqui e para nós convirá adiantar o que há 24 anos dele escreveu o então Académico de número desta Academia, P. Avelino de Jesus da Costa: “O maior investigador português do Arquivo Vaticano tem sido o Prof. Doutor António Domingues de Sousa Costa, OFM¹.

Foram perto de 50 anos ininterruptos de frequência desta fonte, sem a qual teriam sido impensáveis, além da sua obra-prima — a *Monumenta Portugaliae Vaticana*, parcialmente inédita, a *Monumenta Henricina* e o *Chartularium Universitatis Portugalensis*.

I - Vocação e preparação franciscana e sacerdotal Em S. Félix da Marinha e Grijó.

António Domingues de Sousa Costa nasceu em S. Félix da Marinha (Vila Nova de Gaia), a 10 Fevereiro de 1926. O pai era con-

¹ Arquivos Eclesiásticos Portugueses. Origem e Formação. Lisboa - 1980, Separata do vol. I, p. 9.

tínuo na Câmara Municipal do Porto; a mãe, doméstica. Ainda criança, a família fora viver em Grijó, freguesia vizinha, também ela do concelho de Gaia. Em Grijó, concluiu a quarta classe dos estudos elementares.

Grijó figurava entre as terras missionadas por franciscanos, vindos de Varatojo (Torres Vedras). Algumas dessas presenças missionárias vêm-se magistralmente lembradas em romances de Júlio Dinis, que demoradamente estanciou por estes sítios.

São circunstâncias que culturalmente terão ou não podido influenciar, em algum momento, o espírito de crianças sensíveis a valores franciscanos como Manuel de Oliveira Vieira² e António Domingues de Sousa Costa e, mais tarde, Francisco Ramiro Domingues, seu irmão³.

Um amigo do pai dizia que “o António devia ir estudar para a Universidade do Porto”. Era esse igualmente o desejo da mãe. Para concretizar semelhante desejo e a pensar nos seus outros filhos, e ampliar o salário do marido, passou a manter em Grijó, uma pequena mercearia-café.

² Filho de António de Oliveira e de Ana Gonçalves, n. a 3 de Janeiro de 1923 e falecido em Pretória (África do Sul) a 12 de Maio de 1998, como Missionário franciscano de Moçambique, onde trabalhou incessantemente desde Junho de 1956, como sacerdote que era desde 24 de Junho de 1949. Entrou na OFM em Agosto de 1942 e professou solenemente em Abril de 1947.

³ Este, entusiasmado com a ordenação e missa nova do seu irmão António, resolveu ir também para Colégio das Missões Franciscanas de Montariol, que frequentou durante algum tempo.

No Colégio das Missões Franciscanas, Montariol - Braga

Após as primeiras letras na sua terra, animado pelo P. Afonso Silva, grande pároco de Grijó, António Domingues, foi frequentar estudos no Colégio das Missões Franciscanas, em Montariol, entre 1939 e 1944⁴.

A mãe não era nada entusiasta de que o António fosse para Braga. A decisão seria assumida pelo pai, José de Sousa Costa, tendo sido determinante o conselho do referido pároco, o qual não só o convenceu a deixar ir o António para Montariol, mas até se prontificou a ajudá-lo.

Deste santo pároco guardará António Domingues a mais bela e firme das recordações. Era um autêntico homem da Igreja e um excepcional colaborador da formação dos seminaristas, com a sua camaradagem de homem são, alegre e divertido.

Chegou a reunir à sua volta um punhadinho de oito seminaristas, quatro dos quais se ordenariam padres: dois franciscanos, Manuel Oliveira Vieira e António Domingues de Sousa Costa; um espiritano, P. Alberto e um diocesano, o Hermínio Ferreira⁵.

⁴ Foram os seguintes os finalistas de 1943-1944 que ficaram aptos a ingressar no Noviciado franciscano, em Varatojo e que como ex-alunos do 5º Ano colaboraram na *Alvorada Missionária XI* (1944), nº de Janeiro-Agosto:

Carlos Gonçalves Costa, João Lourenço Alves (poesia), *Manuel Marques Novo, Arlindo Gonçalves*, António Sacramento Fernandes (poesia), *José Gualberto Franco Gaspar, José Augusto Faria* (poesia), Joaquim Oliveira Fernandes, *António Domingues de Sousa Costa, Manuel Barbosa da Costa Freitas, Augusto da Costa, Matias Ferreira Alves Alexandre, Américo Montes Moreira, Manuel da Costa e Oliveira, Manuel Armindo Sobrinho, Polidoro de Oliveira* (poesia), *Adriano José da Costa*.

(Em itálico, damos os nomes dos que em 1951 se ordenaram presbíteros (cf. *Pax et Bonum XXIII* (1951), nº LXX, gravura identificativa, entre as pp. 50-51).

⁵ Cf. António Domingues de Sousa Costa, *O Mosteiro de S. Salvador da Vila de Grijó (Vila Nova de Gaia, Fábrica da Igreja Paroquial de Grijó)*, 1993, p. 281.

No quarto para o quinto ano, o António Domingues adoeceu, tendo regressado convalescente para casa. Durante esta estadia, além da sua, teve a tristeza de deparar com a doença, e depois com o falecimento do próprio pai, com 41 anos.

Seguiu-se um período dramático e difícil para a mãe, forçada a manter sózinha seis filhos, todos eles em fase difícil de menoridade.

A interrupção do curso por doença, não acarretou, a repetição do ano.

Estava-se perante um aluno mais que distinto. Chegou à classificação máxima possível de 20 valores, em disciplinas de latim, matemática, religião e história.

Mesmo assim amigos da família chegaram a ir a Montariol para tentar retirá-lo, argumentando que a mãe não podia pagar as despesas e precisava dele, para a ajudar a criar todos os restantes irmãos mais novos.

Foi decisiva a orientação daquele santo pároco, que lhe recomendava: “não siga a sua mãe”. E fez bem, pois, da melhor maneira e sem ele, tudo se remediou.

No Seminário de Varatojo e novamente em Montariol - Braga

De Montariol, dirigiu-se para Varatojo (Torres Vedras). Aí tomou hábito de noviço, a 7 de Setembro de 1944. Teve como mestre o P. Vitorino da Silva Dantas, um homem de Barcelos, bondoso e culto, latinista para quem o latim não tinha segredos. A vice-Mestre teve o P. José da Silva Almeida, homem de fé, futuro e persistente missionário em Moçambique, durante mais de quarenta anos, onde faleceu em 1992. Encorajado com o exemplo de tenacidade destes modelos, fez a sua profissão, a 8 de Setembro de 1945.

Voltou para Montariol, a frequentar de 1945-1947 Filosofia.

Se o tempo de noviciado, foi determinante na sua perseverança na vida religiosa franciscana, para a sua vida de estudioso, sacerdote-investigador e professor, foi fundamental a dupla passagem pelo Colégio e Convento de Montariol (Braga).

Ali contraiu hábitos saudáveis de disciplina e estudo. O contacto com padres como Fernando Félix Lopes, Alberto Teixeira de Carvalho, Joaquim Correia de Barros, Mário Guedes Branco ou José Maria Violante, vocacionados para o culto das ciências e das letras contagiá-lo-ia pela positiva, o que aconteceria com outros distintos companheiros do seu tempo. Pensamos neste momento em apenas três: Luís Crespo Fabião, filólogo, falecido em Outubro do ano de 2001, António Borges Coelho, historiador, ambos estes professores universitários e José Pinheiro Gomes, brasileiro e poeta de S. Luís do Maranhão com raízes em terras de Aveiro, e que no nordeste brasileiro se tornaria apreciado e conhecido por Bandeira Tribuzzi.

A Filosofia abriu-lhe perspectivas de acesso ao pensamento da Escola Franciscana, bem como à acção evangelizadora dos missionários franciscanos portugueses em terras do Continente e nas Conquistas, como se depreende da conferência que então proferiria e ficou na revista do Coristado de Filosofia, *Escola Franciscana*⁶.

Aí se vislumbra a influência dos investigadores António Joaquim Dias Dinis, Fernando Félix Lopes, Aloísio Tomás Gonçalves, através de escritos em muitas páginas do *Boletim Mensal das Missões Franciscanas*.

Foi influência benéfica. Não o encaminhou para a acção entre infiéis, — sonho que chegou a acalentar; orientou-o para a investiga-

⁶ Ano XXVII, nº. 3, de 6 de Abril de 1947

ção duma fundamentação sólida da portugalidade, qual foi a da expansão, evangelização e encontro de povos e culturas, numa linha de intera tolerância e convivência, característica muito nossa em que, sempre se intuiu a realidade do primitivo espírito evangélico e sanfranciscano e antoniano, quando não se verificou mesmo, na lição de Jaime Cortesão, a da presença concreta de frades menores no seio das caravelas do Infante de Sagres e seus seguidores.

A sua adesão à *Monumenta Henricina* brotará daqui.

No Seminário da Luz - Lisboa

O curso de Teologia, no Seminário da Luz, em Lisboa, de 1947-1951, quando havia já completado os 21 anos, foi um período muito rico.

No final do primeiro ano de Teologia, a 8 de Dezembro de 1948, com 22 anos de idade, fez a profissão definitiva no seio da Ordem de S. Francisco.

Além das obrigações discentes, vêmo-lo a colaborar e a participar na direcção da revista policopiada *Pax et Bonum*, como seu Secretário primeiro e como Director depois. Começou a manifestar apetências pelas vias da jurisprudência e da investigação histórica.

II - O Padre Franciscano, sua graduação, docência e acção pastoral

Em 22 de Julho de 1951 recebeu a ordenação sacerdotal. Foi ordenante o franciscano D. Fr. Teófilo de Andrade, primeiro Bispo de Nampula (Moçambique), recém-resignatário.

Perante as suas capacidades intelectuais, foram unâimes os professores em propô-lo para estudos de especialização. Queriam uns orientá-lo para a Sagrada Escritura, outros para a História Eclesiástica. Por falta de unanimidade, foi aceite a sugestão do novel Leitor de Direito Canónico por Salamanca, P. António Pedro da Anunciação, qual era a de ir especializar-se em Roma nesta disciplina⁷.

Dirigiu-se para Roma, onde se matriculou na Faculdade de Direito Canónico do Pontifício Ateneu Antonianum; obteve o grau de bacharel em 1952 e em 1953 a licenciatura⁸.

Em Novembro de 1954 apresentou a tese sobre *Joannis de Deo vita, opera, doctrina poenitentialis*⁹, importante estudo de investigação que lhe valeria a classificação máxima “summa cum laude”.

Para este êxito e para os êxitos de toda a sua vida, muito terão contribuído os ensinamentos do Mestre franciscano catalão P. Fr. José

⁷ Sabe-se com efeito, que não houve unanimidade na votação secreta de que foi alvo o nome de A. Domingues de Sousa Costa, o qual juntamente com os colegas José Gualberto Franco Gaspar, Augusto da Costa e Manuel Barbosa Freitas, foi proposto como candidato ao curso superior, pelo Provincial P. David de Sousa, à consulta do Discretório e Leitores “sobre a capacidade moral e intelectual” de cada um, já que em sete, teve 6 votos a favor e um contra (Cf. Acta nº 39, assinada pelos PP. Isaac da Costa Santos, Bartolomeu Ribeiro, Manuel Taveira da Silva e José do Nascimento Barreira, *Actas do Discretório do Seminário da Luz, II*, pp. 34-35. Os três Leitores PP. David de Azevedo, M. dos Reis Miranda e António Anunciação não assinam, por aqui não lhes competir assinar).

⁸ Cf. *Pontificium Athenaeum Antonianum ab origine ad praesens*, Ed. Antonianum, Roma (1970), p. 307.

⁹ Cf. *Antonianum XXX* (1955), p. 96; *Pontificium Athenaeum Antonianum ab origine ad praesens*, Ed. Antonianum, Roma (1970), p. 253.

Maria Pou y Martí (1882-1961) no seu curso de paleografia e diplomática.

Primeira docência e primeiras responsabilidades literárias e pastorais. Particulares ligações a Grijó, como Universidade da fé vivida

Exerceu logo após, a sua actividade docente no Seminário Franciscano da Luz, Lisboa, de 1954-1956, leccionando Direito e Teologia Moral. Em Junho de 1956 foi-lhe concedido o doutoramento¹⁰ havendo para o efeito publicado parcialmente a tese *Doutrina penitencial do canonista João de Deus*, Bracarae 1956¹¹.

De 1955-1957 orientou de parceria com Fr. João Diogo Crespo a revista franciscana de cultura *Itinerarium* desde o lançamento (1955) do seu n.º 1 até ao n.º 14, de Março-Abril de 1957, assegurando a publicação de um total de mais de duas mil páginas de textos.

Nesta revista e ao longo de muitos anos, deixaria estudos de mais de mil e seicentas páginas.

Colaborou igualmente na revista *Alma — Boletim Mensal de Espiritualidade e Documentação, novo figurino do Boletim* (1908-1954).

Não obstante as suas funções docentes, académicas e investigativas, não descurou jamais a sua missão de sacerdote, que procurou ser acima de tudo.

Exerceu a sua acção pastoral na prestação de serviços aos alunos do Colégio Manuel Bernardes (Paço do Lumiar) e no Bairro de Telheiras, à roda do antigo convento franciscano de Nossa Senhora da Porta do Céu.

Em todas as férias lectivas (Natal, Páscoa e Verão), aproveitava para manter laços com o ambiente da sua infância, assumindo, no seu birel de franciscano, o cargo de todo o exercício pastoral paroquial na sua terra de Grijó.

Entre 1962-1987 foi braço direito do P. Ventura de Azevedo Ribeiro, Abade de Grijó e Vigário da Vara. A comemorar as bodas de prata da paroquialidade deste sacerdote, publicaria mesmo em 1993 um dos seus mais importantes estudos, ou seja a monografia *O Mosteiro de S. Salvador de Grijó (Vila Nova de Gaia)*.

Muito ligado a Grijó

22 de Julho de 2001: uma Festa de gratidão e de homenagem

25 de Dezembro de 2002: uma concentração de despedida

O P. Sousa Costa cultivou sempre uma profunda afeição à Grijó da sua infância e dos passos dolorosos do seu tempo de estudante. A imagem da Senhora do Amparo, figurada na pessoa da sua mãe a cuidar do pai doente e junto ao pai moribundo segui-lo-ia em toda a vida e estaria presente até à morte.

¹⁰ Cf. Pontificium Athenaeum Antonianum ab origine ad praesens, Ed. Antonianum, Roma (1970), p. 307.

¹¹ Cf. Pontificium Athenaeum Antonianum ab origine ad praesens, Ed. Antonianum, Roma (1970), p. 227.

Não admira por isso que tenha querido celebrar exclusivamente com o povo de Grijó e sob o olhar querido de Nossa Senhora da Silva, a sua acção de graças e louvor, por 50 anos de sacerdócio.

Teve isso lugar no dia 22 de Julho de 2001, Domingo e foi dinamizador pastoral dessa grande homenagem o Reverendo Pároco, P. António Coelho de Oliveira.

Nessa soleníssima celebração estiveram representantes de seus confrades franciscanos, sacerdotes colegas diocesanos, amigos vindos a título privado de várias Universidades e inúmeros amigos e admiradores da sua e doutras localidades.

Nos anexos do Claustro estava patente uma exposição das suas obras e estudos, bem como um conjunto de fotografias e paramentos que lhe haviam sido oferecidos há precisamente 50 anos atrás.

Muitos destes mesmos amigos voltariam a reunir-se ali quinze meses depois, ou seja a 26 de Dezembro de 2002. Desta vez numa reunião de saudade e tentativa de penetração nos mistérios de Deus.

Ninguém terá que estranhar o particular amor do P. Sousa Costa à sua terra. Em Grijó tinha o seu melhor laboratório ou universidade da fé vivida, sem a qual de pouco servem a observação e o estudo teológico pastoral ou outro.

A sua persistente acção pastoral, sobretudo em todos os períodos de férias, proporcionou-lhe uma visão e uma noção clara da função do direito ao serviço do crescimento das pessoas e da Igreja como comunidade de crentes.

Esse serviço determinou-lhe a preferência a comentar não só os cânones 368-374 do *Novo Código de Direito Canónico*, de 1983, acerca das Igrejas particulares, mas também os cânones 460-572 acerca da organização interna das mesmas, suas estruturas, pessoas e funcionamento: Sínodo Diocesano, Cúria, Vigários gerais e episcopais; o Chanceler, notários e arquivos; o Conselho económico; o Conselho presbiteral e Colégio de consultores; o Cabido; o Conselho pastoral, os Párocos e vigários paroquiais; Os Vigários da Vara ou Arciprestes; os Reitores de igreja e os Capelães.

Mas não foi só em ordem ao trabalho de *comentador* que a sua presença em Grijó lhe foi vantajosa. Várias ocorrências observadas, ali e nos contactos com a vida pastoral da Diocese do Porto, v. g., em matéria de incardinação, foram tidas em consideração nos articulados do texto que ficaria a ser suporte do Código de Direito Canónico de 1983, de cuja Comissão também foi *redactor e revisor*.

Por causa do seu empenhamento e competência nestas matérias, teve a honra de ser convidado, pelo Vigário Geral do Papa, para colaborar no *Sínodo Pastoral Diocesano do Vicariato de Roma*, como membro nomeado da *XIV Comissão para a Estrutura Pastoral da Comunidade Diocesano*.

Pena foi não lhe ter sido já possível encontrar-se entre nós nas Jornadas Académicas comemorativas do XX aniversário da Promulgação do mesmo Código, a 24 de Janeiro de 2003, na Aula do Sínodo, no Vaticano. Ter-se-ia sentido muito honrado ao ver referido o seu nome e citada uma das mais emblemáticas das suas obras, *Um Mestre português em Bolonha no século XIII, João de Deus, Vida e Obra*, Braga, 1957. E isto precisamente na explanação inaugural de Mons. Brian Edwin Ferme, Decano da Faculdade de Direito Canónico na Universidade Lateranense, sobre *O Código do Direito Canónico de 1983 na prospectiva histórica*.

III - O Perito em Direito Canónico e o Docente Universitário

Docência Universitária e actividades académicas e científicas

Um homem com a sua capacidade de trabalho, erudição e competência científica estava perfeitamente talhado para grandes voos académicos. Não obstante existirem outros, certamente bem mais interessados do que ele, o seu nome foi o que se impôs, para uma carreira de docência universitária.

Entre 1957 e 1983 decorreu a primeira etapa dessa carreira, lecionando na Universidade da Ordem Franciscana, *Ateneu Antonianum*.

Começou por ser (1957) nomeado docens, professor encarregado de curso (ou agregado).

Em 1961 passou a professor extraordinário e em 1965 foi nomeado professor catedrático ou *ordinário*, lecionando Direito público e Direito concordatário na Faculdade de Direito e Direito canónico (curso geral) na Faculdade de Teologia.

Passou a redactor da revista *Antonianum*, órgão científico do referido Ateneu, que havia oficialmente representado, em 1958, tanto no V Congrès International de Droit Comparé (Bruxelas) como no Congresso do *Institute of Research and Study in Medieval Canon Law* (Universidade de Yale), de que então foi eleito “membro correspondente”.

Matérias leccionadas no Antonianum, em Roma

Desde 1957 e até 1998, em que se jubilou, deixou como Professor uma extensa folha de serviços, pois lectionaria sucessivamente, ao longo dos anos, e de acordo com necessidades eventuais das

Escolas de que fazia parte (Faculdade de Direito, Faculdade de Teologia, do Pontifício Ateneu Antonianum, Faculdade de Direito da Universidade Urbaniana, Instituto ou Escola Superior de Estudos Medievais e Franciscanos).

Mas desdobremos um pouco melhor as nossas informações.

Entre 1957-1983 no *Antonianum* ministrará cadeiras de direito penal canónico, princípios gerais, normas gerais de direito canónico, introdução, direito público eclesiástico, direito concordatário, direito processual e penal, práxis processual canónica, ética e comportamento jurídico, o ofício de ensinar e santificar, direito patrimonial da Igreja, questões de paleografia medieval, leitura paleográfica e interpretação de textos medievais respeitantes ao primado papal, ao conciliarismo e colegialidade, leitura paleográfica e interpretação dos textos do séc. XV sobre Concílios Ecuménicos (para os especialistas), ou sobre Bens Eclesiásticos, numa perspectiva franciscana, ou respeitantes ao conciliarismo e à colegialidade, leitura paleográfica e interpretação de textos medievais e franciscanos e textos medievais sobre bens franciscanos (a questão franciscana de 1300).

A sua promoção em 8 de Abril de 1965 a Professor ordinário (Catedrático) constituiu passo importante para outras ascensões. Em 1966 é nomeado Decano da Faculdade de Direito Canónico do Antonianum, cargo que exerceu até 1969.

Por decreto do Grão-Chanceler de 28 de Maio de 1981 foi eleito Vice-Reitor do Ateneu *Antonianum* (doc. 3), cargo de que, por conveniências de serviço noutra importante Universidade (a Urbaniana), ficará desvinculado desde Outubro de 1983¹².

¹² PAA, *Liber Triennalis* 1981-1983, Roma, 1984, p. 49 e 57.

Professor ou Docente de duas Universidades de Roma

No ano lectivo de 1982, portanto, 25 anos depois, principia uma nova etapa da sua carreira universitária. Desta vez, na prestigiada Universidade papal, até 1962 conhecida como Universidade de *Propaganda Fide* e agora Urbaniana.

O documento de nomeação e confirmação de professor da Faculdade de Direito Canónico da Urbaniana pelo Senado Académico e pelo Chanceler, Cardeal Agnello Rossi, está datado de 1 de Dezembro de 1983.

Entretanto a 19 de Julho desse mesmo ano de 1983 recebera a incumbência de ali ministrar o ensino da “*Latinitas Iuridica*” ou “Leitura das Fontes do Direito Canónico”, “*Sacra Hierarchia*” ou “Constituição Jerárquica da Igreja” e “*De Christifidelibus*” ou “Fiéis leigos e ministros sagrados”.

No ano de 1985 colaborou na edição do novo Código do Direito Canónico comentado que a Universidade Urbaniana publicou, prestando o comentário aos acima referidos cânones 368-374, 460-572 com a introdução aos mesmos.

No *Ateneu Antonianum* continuaria contudo ligado à *Escola Superior de Estudos Escolástico-Medievais e Franciscanos*, com funções de Moderador desde 1983-1986 e como orientador de Seminários semestrais, quer nesta Escola, quer também na Faculdade de Direito do mesmo Antonianum, naqueles e nos anos seguintes, pelo menos até 1991, como professor convidado.

Além de Investigador, prossegue, como Professor Ordinário, na Universidade Urbaniana, até que no ano Académico de 1997/1998 se jubilou na Faculdade de Direito. Mas depois seria ainda nomeado Decano da mesma Faculdade.

Assistente, moderador ou co-relator de teses de licenciatura ou de doutoramento

Nesta Pontifícia Universidade dirigiu entre 1984-1991 dezenas de teses de licenciatura em Direito Canónico, foi membro ou presidente de júris de Concursos para Cátedras de Direito Canónico ou de defesa de teses de licenciatura ou doutoramento de diversos universitários de muitas nações: Coreia, Madagáscar, Gana, Indonésia, Nigéria, Costa do Marfim, Zaire, Índia, Uganda, Vietenam, Srilanka, Itália, etc.

Actividades para-universitárias

Sempre que podia jamais recusava colaborar em serviços que lhe solicitasse nas suas Escolas ou fora delas. Nomeadamente congressos, colóquios, seminários, jornadas, conferências...

Impõe-se recordar algumas das suas intervenções havidas em ou com temas ligados a Portugal.

Participou no Congresso Internacional de História dos Descobrimentos (Lisboa, 1960) e no Congresso Luso-Brasileiro (Coimbra, 1963).

Ainda neste ano (1963) participou de 27-30 de Dezembro na I Semana Nacional de Direito Canónico, consagrada à Concordata de 1940, tendo dissertado sobre um tema muito do seu agrado: as Concordatas Portuguesas.

Em 1972 participou no *Fourth International Congress of Medieval Canon Law*, realizado em Toronto, Canadá, de 21-25 de

Agosto, com *Posizione di Giovanni di Dio ed altri canonisti sulla funzione sociale delle decime*.

E no mesmo ano, participou nas Jornadas Luso-Espanholas, de Lisboa, com o estudo sobre *Hospitais e albergarias portugueses na documentação pontifícia da segunda metade do século XV*.

Em Maio de 1977 foi membro do Júri para as provas de doutoramento em Filosofia na Universidade Nova de Lisboa do Assistente Universitário Dr. João Moraes Barbosa, sobre o tema *Fundamentos metafísicos da Filosofia de Álvaro Pais*¹³.

Participou no *Colóquio Antoniano de Lisboa*, na Universidade Católica Portuguesa de 8-11 de Junho de 1982 em que apresentou uma comunicação e presidiu a algumas sessões.

No II Encontro sobre a História Dominicana, realizado em Fátima e na Batalha (Portugal), de 3-6 de Abril de 1986, presidiu a algumas sessões e proferiu a conferência de conclusão intitulada “*D. João de Azambuja desembargador e conselheiro régio, bispo de Silves, Porto e Coimbra, arcebispo e cardeal de Lisboa, fundador do mosteiro das Dominicanas do Salvador de Lisboa*”.

Nesta Academia apresentou em 1986 *Cristóvão Colombo e o cónego de Lisboa Fernando Martins de Reriz, destinatário da carta de Paulo Toscanelli sobre os descobrimentos marítimos*, (publicado in *Antonianum LXV* (1990) 187-276).

A 25 de Abril de 1987, na Universidade do Minho, Braga, fez uma conferência sobre “*Os Arquivos Vaticano e Distrital de Braga na vida portuguesa da Idade Média e Renascimento*”.

No Encontro de História Regional e Local efectuado de 24-27 de Setembro de 1987, no Distrito de Portalegre desenvolveu o tema “*Alcaides-mores de Campo Maior no século XV*”.

De 4-6 de Janeiro de 1988 veio a Portugal dirigir um Seminário na Universidade de Coimbra subordinado aos seguintes temas:

- 1) *Igreja e Estado em Portugal até ao século XV* e
- 2) *Teorias políticas da Idade Média no governo dos povos*.

No dia 6 do mesmo mês e ano de 1988, deu nesta Universidade uma conferência a alunos e Professores Universitários sobre *Importância do Arquivo do Vaticano para a história da Universidade portuguesa*.

No Congresso sobre a História da Universidade (VII Centenário da sua fundação, Coimbra, 5-9 de Março de 1990), apresentou nesta mesma Universidade uma comunicação intitulada *Considerações à volta da fundação da Universidade portuguesa no dia 1 de Março de 1290*.

Participou, e já doente e depois do seu regresso definitivo de Roma, em vários encontros efectuados no decorrer do ano 2000/2001 no Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica, em Lisboa, sobre as Ordens religiosas e monásticas, sendo sempre ouvidas com muito interesse as suas intervenções, anotações ou observações.

¹³ *Pontificium Atheneum Antonianum annis 1975-1977*, p. 304.

Participou, intervindo diversas vezes, nas Jornadas Culturais de Balsamão (Macedo de Cavaleiros) 31 de Outubro a 4 de Novembro de 2001, e dissertou sobre *O fenómeno do eremitismo conventual por causa dos estudos e o actual Código do Direito Canónico*.

O Perito em Direito ao serviço da Igreja e da Santa Sé

O recurso aos seus serviços por parte de Entidades da Igreja, foi variada. Em Abril de 1955 foi defensor vinculi substituto no Tribunal Patriarcal de Lisboa.

Em Roma, foi sendo solicitado para a prestação de sucessivos serviços.

Vamos vê-lo em 1959 na S. Congregação do Concílio como membro da II Comissão preparatória do Concílio Ecuménico e em 1964 Comissário para a “Vigilanza dei Tribunali Ecclesiastici relativamente ai processi matrimoniali” na S. Congregação para a Disciplina dos Sacramentos e na Comissão para a revisão do Código como consultor nomeado em Maio de 1968.

A 15 de Novembro de 1966 foi nomeado Juiz do Tribunal na S. Congregação para a Doutrina da Fé.

Em 1978 foi nomeado consultor/revisor da Comissão Pontifícia do Direito Canónico até 1983, ano em que o novo Código foi promulgado.

Depois o Papa João Paulo II nomeou-o em 1984 consultor para a Comissão Pontifícia de Interpretação do mesmo Código de Direito Canónico e em 1985, para a Sagrada Congregação dos Sacramentos e do Culto Divino.

Em 1989 foi nomeado com reconduções sucessivas, consultor do Conselho Pontifício para a Interpretação dos Textos legislativos da Igreja.

Membro de Agremiações Académicas

António Domingues de Sousa Costa foi (em Portugal) um investigador conhecido dum restrito número de especialistas de Instituições culturais.

Desde 1958, o Institute of Research and Study in Medieval Canon Law (Universidade de Yale), Estados Unidos, elegeu-o seu “membro correspondente”.

A 7 de Março de 1966 o Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, de Lisboa, também o elegeu seu membro. Nesse mesmo ano principiaria a recolha e transcrição de documentos para o *Chartularium Universitatis Portugalensis*.

Em 1967 foi também nomeado Académico do Instituto, da Universidade de Coimbra.

A Academia Portuguesa da História pensou no seu nome, vindo a elegê-lo seu membro correspondente, em Março de 1986. Assinam a proposta da sua admissão, os académicos Isaías da Rosa Pereira, Alberto Iria, Fernando Castelo Branco, Francisco Leite de Faria, OFM Cap. e Francisco da Gama Caeiro, relator. Em 22 de Setembro de 1993, virá a ser elevado a académico de mérito.

Conscientes do valor objectivo da sua obra, os meios científicos nacionais entenderam em 1992, a 21 de Setembro (C. prot. R/205/92), através da Universidade de Lisboa, conceder-lhe o *doutoramento honoris causa*, como um galardão de reconhecimento público.

Essa honra foi-lhe entregue em 25 de Novembro de 1992, na

Reitoria da Universidade Clássica de Lisboa. Foi seu patrono, o terceiro franciscano, seu admirador e amigo, Prof. Doutor Francisco José da Gama Caeiro.

Recebeu-a em solene acto académico, em que, além de todo o Corpo docente da Universidade Clássica e representantes doutras Universidades, estiveram também presentes confrades como os Prof. Doutores PP. Manuel Barbosa da Costa Freitas e Joaquim Cerqueira Gonçalves, franciscanos e professores daquela Universidade e o Prof. João Duarte Lourenço, da Faculdade de Teologia da Universidade Católica. Recebeu esse galardão ao mesmo tempo que o Professor Doutor Luis Suárez Fernández, de Oviedo e catedrático de História da Universidade de Valhadolide.

Uma mostra das principais obras de ambos os doutorandos esteve patente no espaço das Exposições dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, em Lisboa.

IV - O maior investigador português no Arquivo do Vaticano.

A sua actividade de investigador iniciou-a em proveito pessoal, ao descobrir o Mestre Canonista João de Deus, em 1951-1952, mas não tardaria a encontrar-se envolvido em novas tarefas investigativas.

Começaria por uma figura marcante da História de Portugal, o Infante D. Henrique e a sua obra de expansão. Contudo, não se limitou a esta figura carismática. Interessou-se pela História da Cultura em Portugal, sobretudo no que à criação e desenvolvimento da Universidade portuguesa se refere, sem se esquecer da influência constante das relações entre a Santa Sé e Portugal nos finais da Idade Média até aos tempos do Renascimento.

Mas procuremos dizer algo mais.

O colaborador da Monumenta Henricina (1960-1974)

Em 1956 e 1957 trabalhou em Arquivos e Bibliotecas de Itália (Roma: Archivio Segreto Vaticano e Biblioteca Apostólica Vaticana), Florença, Nápoles, Milão, Veneza e Génova) como bolseiro da Comissão Henrique, na transcrição de documentação referente aos descobrimentos portugueses, em ordem à publicação da *Monumenta Henricina* desde o vol. I, Coimbra, 1960, até ao vol. XV, Coimbra, 1974.

Na qualidade de Bolseiro do Estado Português, Sousa Costa foi para Itália com carta credencial de 19 de Setembro de 1956, assinada pelo Prof. Doutor Manuel Lopes de Almeida.

Em 7 de Outubro de 1957 apresentou a Relação do seu trabalho de Bolseiro. Pela pesquisa, transcrição e revisão de toda a documentação em latim, para a *Monumenta Henricina*, recebia como honorário em Portugal a quantia mensal de 8.000\$00 inteiramente cobrada pelo Síndico da Província dos Santos Mártires de Marrocos.

Além da investigação em Arquivos italianos, para esta obra, trabalhou igualmente em Lisboa, no Arquivo do Ultramar, buscando documentação ligada à expansão portuguesa, particularmente a relacionada com a vida dos índios e indígenas da África e do Brasil.

No conjunto dos quinze volumes da *Monumenta Henricina*, num formato de 295x221 mm, com mais de sete mil páginas de documentos que abarcam um período de 1143 até 1620, não será fácil de avaliar qual a extensão rigorosa do seu contributo.

Será indispensável analisar volume a volume para se detectar a mão de Sousa Costa. Poder-se-á dizer que a transcrição documental em latim colhida em Arquivos portugueses, ou de Itália referenciados é toda da sua responsabilidade. Esses textos foram por ele transcritos, ou

pelo menos por ele revistos ou mesmo cotejados pelos originais. Tanto empenho e minúcia pôs nessa tarefa que relativamente a textos já impressos preferiu reproduzir ou transcrever tudo de novo, sempre que teve acesso ao original ou a cópia mais fiável, assinalando contudo o facto, bem como os locais onde semelhantes textos corriam já impressos.

Dos 3002 documentos reproduzidos em 5325 pp., umas 1378 pp. de texto latino com os respectivos sumários e anotações (ou seja, uns 25,8% do total) serão devidas a Sousa Costa.

Os trabalhos em torno da tese de doutoramento, bem como a colaboração na *Monumenta Henricina*, levaram-no a idealizar novos planos. Por sugestão de A. Joaquim Dias Dinis começaria a interessar-se por um *Episcopológico português dos séculos XII-XV*. Embora o não tenha concretizado, conseguiu avançar muito nesse sentido, no referente aos Bispos de Lamego e Viseu do século XV. Para os séculos XI-XIII, Sousa Costa conhecia documentação, que não pôde ler nem transcrever.

O Chartularium Universitatis Portugalensis (1966-2003)

Foi convidado a apoiar iniciativas como a organização e edição do *Auctarium Chartularii Universitatis Portugalensis* de cuja Comissão fez parte, mas sem outra colaboração.

Diferente foi o seu empenhamento no *Chartularium Universitatis Portugalensis*.

Neste colaborou a fundo com todo o seu entusiasmo e a sua insubstituível competência em todos os volumes, desde o primeiro ao último, o XV, ora como investigador individual, ora como bolseiro

director de investigadores/bolseiros, ou membro da Comissão Directiva, de que fez parte, até ao fim. Isso, embora o seu nome esteja já algo velado no vol. XV.

Também no *Chartularium* se torna complicado um cômputo rigoroso do número de páginas de texto latino devidas ao investigador franciscano.

O formato dos volumes do *Chartularium Universitatis Portugalensis* é de 301x225 mm.

No conjunto dos XV volumes, estamos perante um total de 6971 documentos, dos quais pelo menos uns 3237, ou seja, pelo menos uns 46,4% se ficam a dever a Sousa Costa.

Um cômputo de documentos refere um número de peças independentemente da sua dimensão. É informação relativa: tanto pode comportar meia página como pode comportar dezenas ou centenas delas.

Uma contagem do total de páginas dos documentos em latim, transcritos no *Chartularium*, proporcionou-nos resultados mais objectivos.

Atinge as 4310, o que corresponde a 56,4% das 7639 páginas do texto da secção documental.

Os seus olhos percorreram esta imensa mole de texto latino para conferir, cotejar e corrigir pelos originais.

Os 6971 documentos reportam-se a dois séculos e meio (1288-1537):

Vol. I - docs. nº 1-298	(1288-1377)
Vol. II - docs. nº 299-596	(1377-1408)

Vol. III - docs. nº 597-941	(1409-1430)
Vol. IV - docs. nº 942-1376	(1431-1445)
Vol. V - docs. nº 1377-1780	(1446-1455)
Vol. VI - docs. nº 1781-2330	(1456-1537)
Vol. VII - docs. nº 2331-2891	(1471-1481)
Vol. VIII - docs. nº 2892-3390	(1481-1490)
Vol. IX - docs. nº 3391-3883	(1491-1500)
Vol. X - docs. nº 3884-4309	(1501-1510)
Vol. XI - docs. nº 4310-4998	(1511-1520)
Vol. XII - docs. nº 4999-5449	(1521-1525)
Vol. XIII - docs. nº 5450-5988	(1526-1529)
Vol. XIV - docs. nº 5989-6429	(1530-1532)
Vol. XV - docs. nº 6430-6971	(1533-1537).

Miguel Pinto de Meneses¹⁴, que ainda pôde contar com a presença do P. Sousa Costa para a organização da considerada série normal dos inicialmente planeados quinze volumes, chegou a anunciar a elaboração dum volume XVI suplementar, a fim de recolher documentos que não puderam entrar no lugar a eles cronologicamente destinado, ou por não haverem sido encontrados a tempo ou então pela sua invulgar extensão...

Homenageando neste volume XV o companheiro de trabalhos de cerca de cinquenta anos, afirma que ele contribuiu para este cartulário de precisamente 6971, “com mais de 3000 documentos e outros tantos milhares de comentários, notas e glosas”, lamentando a sua partida pouco

¹⁴ Por informação do Senhor Prof. Doutor M. Cadafaz de Matos de 21 de Maio de 2004, ficámos a saber do falecimento recentemente ocorrido deste colaborador do P. A. D. de Sousa Costa.

antes do momento em que realmente o *finis coronat opus*, pelo qual Sousa Costa desde o volume XIII (1999) tanto ansiava.

A respeito das longas e eruditas introduções dos vols. XII-XIV do Chartularium referentes aos anos de 1521-1532, observa o Prof. Doutor Manuel Augusto Rodrigues que elas revelam à evidência o excelente domínio que Sousa Costa possuía dos autores e matérias lá mencionadas. Por vezes, acrescenta, são verdadeiras monografias, bem fundamentadas... Uma colectânea de todas elas daria uma preciosa publicação”¹⁵.

O maior investigador português no Arquivo do Vaticano

A seriedade e profundidade de que deu provas na apresentação das suas obras publicadas, converteram-no num desses investigadores de craveira. Daí os sucessivos convites de que foi alvo e o constante recurso aos seus préstimos por parte de personalidades e autoridades científicas nacionais e estrangeiras¹⁶.

¹⁵ “António Domingues de Sousa Costa – In Memoriam”, Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra, XXI – XXII (2001-2002), pp. 549-550.

¹⁶ Seria interessante apontar entre outros alguns nomes, tais como António Belard da Fonseca, Isaías da Rosa Pereira, Salvador Dias Arnaut, Avelino de Jesus da Costa, Manuel Lopes de Almeida, João Ferreira, Fernando Félix Lopes, José Maria da Cruz Pontes, Guilherme Braga da Cruz, A. Moreira de Sá, António Joaquim Dias Dinis, Luís Albuquerque, Francisco J. da Gama Caeiro, Armando de Jesus Marques, Saul António Gomes, Fr. António do Rosário, João Morais Barbosa, Maria de Lurdes Rosa, Aníbal de Castro, Maria Alegria Fernandes Marques, Maria Helena da Cruz Coelho, José Adriano Freitas de Carvalho, Vitor Gomes Teixeira, José Marques, Francisco Leite de Faria, José Artur A. D. Nogueira, Nuno Espinosa da Silva, José Geraldes Freire, Rui M. Rosado Vieira,

Nesse sentido importará repetir aqui a opinião do saudoso Prof. Doutor P. Avelino de Jesus da Costa: “O maior investigador português do Arquivo Vaticano tem sido o Prof. Doutor A. D. de Sousa Costa, OFM, que, além de aproveitar largamente a documentação pontifícia nos seus notáveis trabalhos, cedeu a maior parte da que se publicou na importante colectânea dirigida pelo Prof. A. Moreira de Sá, *Chartularium Universitatis Portugalensis*, 7 vols. (1966-1978)”¹⁷, prosseguida por outros e por ele próprio.

Tempos depois (1986), insistiria o mesmo douto investigador bracarense: “O maior investigador português do Arquivo Vaticano é, todavia, o Prof. A. Domingues de Sousa Costa, O.F.M., que vivendo em Roma, primeiro como aluno e depois como professor da Universidade “Antonianum”, começou em 1951 a frequentar este Arquivo, cuja documentação tem utilizado largamente nos seus muitos e notáveis trabalhos”¹⁸.

Luis Reis Torgal e Manuel Cadafaz de Matos, para só apresentar os mais conhecidos de entre os portugueses... Este último fez mesmo questão de nos assinalar ter também pronta para publicação *La Margarita Escondida*, um texto sobre Santa Beatriz da Silva, do séc. XVII, de Sóror Catalina de Santo António, um texto que teve o prazer de haver trabalhado desde 1993 com o P. Sousa Costa. Referiu-nos mais ainda o contributo que este mesmo lhe deu na edição do Tratado das Produções das Pessoas Divinas, de Diogo Lopes Rebelo, quattrocentista da Universidade de Paris, quanto à interpretação de passos influenciados pelo pensador franciscano medieval João Duns Escoto. E não esqueceu ainda de assinalar a ajuda na preparação da edição dum texto dum cruzado germânico anônimo, autor da crónica sobre a tomada de Silves em 1189.

¹⁷ Dicionário de História da Igreja em Portugal, dir. de A. Banha de Andrade, I, Lisboa, 1980, p. 519, v. “Arquivos Eclesiásticos Portugueses. Origem e Evolução”.

¹⁸ P. Avelino de Jesus da Costa, *Bulário Português do século XIII (1198-1303). Homenagem ao Dr. Alberto Feio*, Separata de *Bracara Augusta*, XXXIX (1985), Braga, 1986, p. 18.

Unâimes ou coincidentes com as anteriores são as palavras do Prof. Gama Caeiro, em 1986:

“De entre os vários estudiosos portugueses residentes no Estrangeiro que consagram os seus esforços à pesquisa do nosso passado histórico, será porventura o sacerdote franciscano Doutor António Domingues de Sousa Costa aquele que mais se salienta, pelo tomo e qualidade da investigação”¹⁹.

E já agora e com a devida vénia seja-nos permitido publicar aqui o testemunho do nosso confrade Prof. de Coimbra, Manuel Augusto Rodrigues, aqui presente: “Conheci de perto esta grande figura de padre franciscano e de investigador e estudioso exímio. Muito admirei a sua vasta cultura e saber. O Prof. Gama Caeiro e o Cónego Avelino Jesus da Costa falavam-me tantas vezes do Padre Sousa Costa com a maior admiração e apreço. Foi, sem dúvida, o maior investigador dos Arquivos do Vaticano. Deixou-nos uma preciosa bibliografia que se reveste da maior utilidade para os interessados e um belo exemplo de amor à ciência histórica”.

A Monumenta Portugaliae Vaticana (1968-1978) .

A *Monumenta Portugaliae Vaticana* constituirá a sua obra-prima, a menina dos seus olhos. Se é certo que Sousa Costa se consagrava sempre a fundo ao estudo de uma questão, ou ao desempenho de

¹⁹ Arquivo da Academia Portuguesa da História, Pasta Sousa Costa, Proposta, p. 1. Ver também Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, *Pe. António Domingues de Sousa Costa. Prof. Doutor Luis Suárez Fernández. Exposição Bibliográfica*. Lisboa, 1992, p. 11.

uma missão, também é verdade, que a nenhuma se afeiou tanto como à sua *Monumenta Portugaliae Vaticana*. Trata-se de uma colecânea imprescindível, “fundamentadora de portugalidade”. Assumi-a conscientemente, afirmava ele, como “insano trabalho..., dispendioso, roubador de energias. É também penitência capaz de redimir e entusiasmar. Só com a assistência de Deus que nunca falta, coragem para o empreendimento e muita perseverança, se poderá levar a cabo”²⁰.

Porque se trata dum capítulo importante a requerer ainda muito trabalho, estudo, ponderação e competência, devendo como tal tornar-se objecto de outra comunicação a esta douta Academia, limitar-me-ei, para não me acusarem de ser totalmente omissos, a dizer apenas o seguinte:

Publicar a documentação vaticana relativa a Portugal foi ideia que lhe ocorreu em 1951. Imitava o exemplo de estudiosos e especialistas estrangeiros que já o mesmo haviam feito relativamente aos seus países.

Fernando Félix Lopes dar-lhe-ia um conselho: “não deixe morrer a ideia, mas sobre a sua viabilidade será bom esperar”.

Foi o que sucedeu.

Se em 1951 a sonhou e em 1957 a começou a concretizar, somente em 1968 a começou a ver sair dos prelos Gráficos Reunidos L.da. do Porto e sofreu o “martírio” de ter de a deixar incompleta.

Em 1985, a este projecto e quando já estavam publicados os volumes I, II e IV, o Cónego Avelino, sempre o Cónego Avelino!, saudava nesta obra o arrojado empreendimento a que o Autor se abalan-

çou ao publicar todas as súplicas relativas a Portugal desde Clemente VI a Paulo II (de 1342 a 1471) existentes no *Registra Supplicationum* do Vaticano, e já transcritas num total de 7821 e preparados mais cinco volumes desta preciosa documentação.

Deste total ficaram por publicar na *Monumenta Portugaliae Vaticana* 4161 súplicas.

Publicadas, nos quatro volumes (o III com dois tomos) já existentes, encontram-se 4136 súplicas, devendo-se esclarecer que Sousa Costa, além das inicialmente previstas, neles (nas Introduções) incluiu outras 476 súplicas mais antigas, de datas compreendidas entre 1230-1431.

Acrescente-se ainda que no *Chartularium Universitatis Portugalensis* adiantou a publicação de várias outras relativas ao assunto, de datas compreendidas entre 1342-1471 e posteriores, sempre com a menção a publicar na *Monumenta Portugaliae Vaticana*.

No vol. XIII do *Chartularium Universitatis Portugalensis* (Lisboa, 1999) figuram 77 súplicas de entre 1526-1528.

No vol. XIV, vemos pelo menos 36 súplicas de entre 1530-1532.

No vol. XV, (Lisboa, 2003), encontram-se 50 súplicas de entre 1533-1535.

Para se ficar com uma pálida ideia do que seria a *Monumenta Portugaliae Vaticana*, tenha-se presente que a edição ainda não chegou a meio e nos volumes editados apresentou apenas 4136 súplicas, enriquecidas com estudos introdutórios e anotações de enorme valia.

Mais concretamente:

I vol.: CIII + 604 = 703 pp.

II vol.: CD + 606 = 1016 pp.

III/1 tom.: = 874 pp.

III/2 tom.: = 592 pp.

IV vol.: = 696 pp.

²⁰ *Monumenta Portugaliae Vaticana*, I, Livraria Editorial Franciscana, Porto, 1968, p. CII.

São 3885 pp., ou seja: 1377 pp. de estudos introdutórios e 2508 pp. com texto de súplicas.

Segundo estimativas anunciadas pelo Cónego Avelino de Jesus da Costa, o conjunto das pelo menos 4161 súplicas ainda não incluídas na *Monumenta Portugaliae Vaticana* deveriam encher mais uns cinco volumes do mesmo formato ou dimensão.

Conclusões:

Quer dizer: É gigantesca a amplidão da obra historiográfica impressa do P. Sousa Costa.

Se às 3885 pp. de texto da *Monumenta Portugaliae Vaticana* acrescentarmos 4443 pp. de 10 outros importantes estudos seus, saídos em volume e lhes adicionarmos ainda 1378 pp. de texto da *Monumenta Henricina* e 4310 do *Chartularium Universitatis Portugalensis*, teremos um total de 14016 pp., em que ficarão omissas muitas outras centenas de páginas por figurarem avulsas em dezenas de artigos de revistas, dicionários e encyclopédias (talvez cerca de três mil páginas).

E isto, para não falarmos já na imensidão de textos manuscritos referentes a relatórios, correspondências e esboços ou notas de outros trabalhos deixados simplesmente manuscritos, como é o caso das 4161 Súplicas.

A resistência ou melhor, a persistência de Sousa Costa como investigador, no trabalho de leitura e transcrição documental, possível somente num verdadeiro profissional apaixonado e sacrificado, temperado à boa maneira antiga no rigor do espírito monástico, tornou lendária a sua vida nas referências familiares dos colegas românicos. Em sete curtas palavras, tão hilariantes como ambíguas, defini-

riam este investigador português: “*una mente luminosa cum sedere di ferro*”.

Por último, não queremos deixar de registar igualmente a opinião do franciscano Priamo Etzi, vice-director da revista *Antonianum*, de Roma, que no *in memoriam*, publicado na mesma, emitiu a seu respeito:

“Dotado de agudo engenho e boa índole, o P. António foi um trabalhador incansável e um assíduo aproveitador do tempo até ao último momento da sua vida; mergulhado nas suas transcrições quase não se concedia descanso algum, fugia das vãs conversações; talvez, por isso, sucedia que a quem de longe o observava parecesse por vezes um homem de aspecto austero, mesmo frio; ora, nada mais falso! Na verdade, a quem dele se aproximava, o P. António mostrava-se afável, embora tímido, de trato alegre, embora moderado; de resto foi um mestre sempre disponível para resolver dúvidas dos alunos e dos amigos”²²¹.

A qualidade e amplidão da sua obra é admirável e duradoura. “Descreve, em boa parte, os roteiros de tantos intelectuais portugueses que, na estranja, tanto honraram a sua Pátria”. Por isso, e ainda no dizer do confrade Joaquim Cerqueira Gonçalves, ele ficará a constituir “uma das últimas e mais significativas referências desta brilhante galeria”.

Frei António de Sousa Araújo

²²¹ *Antonianum* LXXVIII (2003), p. 2001.



Edição:
Paróquia de S. Salvador de Grijó
10 de Fevereiro de 2005